

UHI... PAPÃO!...



N. Augusto Bordallo Pinheiro

O ministro da fazenda fez da padaria municipal um papão com que amedronta os padeiros, contendo-os em respeito.

A padaria municipal está para o padeiro como a guarda municipal está para o povo

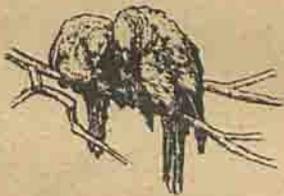
Agradecimento

Raphael Bordallo Pinheiro, hoje convalescente da penosa enfermidade que o affligiu, apressa-se em vir publicamente manifestar o seu agradecimento a todas as pessoas que por qualquer fôrma se interessaram pelo estado melindroso do signatario. Entre ellas destaca, em primeiro logar, o seu medico assistente, dr. José Filippe, bem como os que o coadjuvaram no difficil tratamento e que foram os drs. Pitta, Feijão e Mascarenhas, os quaes todos dispensaram ao signatario disvellos e carinhos não inferiores aos de seu estremoso irmão o dr. Manoel Bordallo Pinheiro, que tambem combateu a enfermidade, indo amiudadas vezes e de proposito ás Caldas da Rainha.

Reconhecido e muito está tambem o signatario para com todas as pessoas da sua amisade, muitas das suas relações, e algumas ainda de simples conhecimento, que se dignaram manifestar-lhe o seu interesse, já indo pessoalmente indagar, já buscando por meio de cartas e telegrammas informar-se da gravidade da doença.

A todos, em summa, que por qualquer fôrma lhe significaram o seu affecto ou a sua sympathia, se declara sinceramente reconhecido

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.



Fôra de Portas



Pedroços está já repleto de banhistas.

A curta distancia um do outro, como que vivendo quasi paredes meias, estão ali os srs. Consiglieri Pedroso e governador civil do districto.

A presença do sr. governador civil n'aquelles sitios, tão proximo do sr. Consiglieri, despertou immediatamente a suspeita de que

s. ex.^a não ia ali para a se banhar na praia e que a sua estada em Pedroços levava agua no bico em vez de levar agua no banho.

E' certo que o sr. Consiglieri fôra residir mesmo em frente da casa do sr. Egreja, como que para demonstrar publicamente que a sua demogogia não é tanta que lhe não permitta comer, beber, dormir, fazer em summa todas as necessidades caseiras com *Egreja* á vista, sem que tal visinhança influa no seu animo a ponto de lhe perturbar as digestões, sobresaltar os somnos e impedil-o de obrar em tudo mais com a serenidade de espirito que requer a sua missão na terra; mas não é menos certo que a presença d'um republicano de profissão n'uma estação balnear não é caso para merecer a indiferença dos poderes publicos e assim se explica o boato que circula de haver o sr. governador civil ido para ali na intenção muito propositada de vigiar todos os movimentos da sr. Consiglieri, tanto em terra como no mar, quer necessite envergar o guarda-pô para o acompanhar no americano, quer precise vestir umas cuecas para o seguir a nadar d'agulha!



Domingo houve basar na praia da Torrinha em beneficio dos pobres.

Os basares em beneficio dos pobres fazem actualmente parte obrigatoria dos passatempos de todos os forasteiros, em communidade com o croquet, o jogo do arquinho e a partida do voltarete.

O voltarete é para passar a noite; o croquet e o arquinho para passar a manhã; e o basar em beneficio dos pobres para passar a tarde, representando o papel de cordão umbilical que liga o arquinho ao voltarete.

O basar em beneficio dos pobres do sitio arma-se mesmo sem indagar o grau da pobreza do sitio.

Ainda que não haja pobres no sitio é a mesma coisa: arma-se o basar e depois manda-se vir os pobres do estrangeiro.

E' talvez a unica industria ainda não explorada pelo sr. Burnay e pelo sr. marquez da Foz: montarem uma agencia que fornecesse pobres a preços reduzidos para as localidades onde os não houvesse e onde a caridade dos forasteiros fosse tanta que não podesse passar sem o sacramento do basar.



O basar de Pedroços esteve concorridissimo, realisou-se uma somma importante vendendo papelinhos brancos a vintem o centimetro quadrado, e isso deu logar a que o banheiro Rosa fizesse um excellente trocadilho.

Chegou-se um banhista e perguntou-lhe:

— O' Rosa! a maré está a basar?

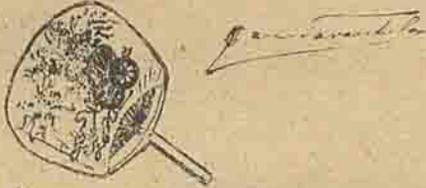
— Não senhor: o basar é que está em maré de rosas...



As ondinas que ao cair da tarde vem docemente reclinadas nas rendas espumantes das pequeninas vagas ouvir os carmes apaixonados das donzellas que por ali vagueiam solitarias e delirantes, na tarde de domingo fugiram para o alto mar, espavoridas e enjoadas com aquelle aspecto de arraial barato, a que nem faltou a consagração da philarmonica e do capilé de cavallinho!

N'essa tarde a praia não estava para ondinas: estava mas era para alforrecas.

Pôde ser que, com o rendimento do basar, alguns pobres ficassem ricos, mas o bom gosto é que ficou a pedir que o mettessem no Asylo de Mendicidade.



Os tres gnomos

Explicação do conto mudo publicado no n.º antecedente

Soltando chufas e gritos
fazendo esgar's e corridas,
andavam tres diabitos
a jogar as escondidas.

Um d'elles, com ar de sabio,
vistas já cosinha e cópa,
nas folhas d'um alfarrabio
entra a vér se os dois lá topa.

Estes que fóra hão toscado
bem lá dentro o padecente,
vão, cada um por seu lado,
apertal-o de repente.

N'um chinfrim desaforado
rindo os dois estão agora
geme o terceiro espalmado
só co'o barrete de fóra.

Uma lembrança d'arromba
assalta-os em tal banzé,
e empurram p'ra vér se tomba
o livro que estava em pé.

Abrem-no após com cuidado,
sustam seu riso gaiato:
'stava o pobre esborrachado
mais chatinho de que um prato!

Erguem tamanho alarido
que mais chorar não se pôde!
Mas não está tudo perdido,
um recurso lhes accóde:

Na folha em que era estampado
esse infeliz diabinho,
vão já mettel-o embrulhado
dentro d'um copo de vinho.

Do copo a altura os não rala,
não lhe chegando do chão,
um no outro se encavalla
p'ra dar termo á operação.

De novo a folha puchando
salta o morto já curado!
e todos tres vão dançando
n'um can-can descnfreado!

Moralidade no -abo
isto tem (baixinho o digo):
«—Ninguem lamento o diabo,
que coisa ruim não tem p'rigo.»

M. CACIR.

Por ahí...



S. Bento, o advogado
contra as aranhas, lim-
pou-se de teias de ditas,
lavou-se, paramentou-se,
barbeou-se, para receber
no seu seio parlamentar
o juramento do principe
regente.

A imitação dos conva-
lescentes que pelos jor-
naes agradecem os dis-
vellos das pessoas suas
conhecidas, «servindo-se
d'aquelle meio emquanto
o não fazem pessoalmen-

te,» assim o sr. D. Carlos jurára já no *Diario do Governo* manter a constituição e guardar fidelidade ao sr. seu pae, mas não quiz dispensar-se do juramento de viva voz, receioso talvez de que a constituição e o sr. D. Luiz dessem tanto credito ao juramento feito por sua alteza em decreto do *Diario do Governo*, como as meninas da Baixa costumam dal-o (o credito) aos juramentos feitos pelos seus Adonis em annuncio do *Diario de Noticias*.



O procedimento de sua alteza, se d'um lado se nos afigura profundamente immoral, visto como ha cerca d'um mez mantem relações estreitas com a pessoa da constituição, mediante apenas um juramento provisório, talqualmente os seductores encartados que conquistam as boas graças e mais coisas boas das donzelas inexperientes, jurando-lhes amor eterno n'um quarto do hotel Moniz, emquanto solemnemente o não fazem na freguezia da Magdalena; o procedimento de sua alteza apresenta-se-nos do outro lado — sem reclame á cançoneta nem trocadilho á mendonçaccosta — como um exemplo da mais sã virtude de que ha exemplo em virtudes sãs, incluindo as que tiverem pêro na familia.

Porque a verdade é esta: ainda não fez dois annos que sua alteza foi a S. Domingos jurar fidelidade á senhora sua esposa e eil-o que vac agora a S. Bento, jurar fidelidade ao sr. seu pae!

Ora n'estes tempos de infidelidade que vão correndo, ao ponto de difficilmente se encontrar quem guarde meia dose de fidelidade que seja — que é assim como quem diz fidelidade para accionistas dos Recreios — guardar duas fidelidades d'uma assentada, ambas ao mesmo tempo, é caso para uma pessoa dever ser considerada não só o symbolo como até o cumulo da fidelidade por partidas dobradas.

Se em vez de Carlos sua alteza se chamasse José, com tanta fidelidade junta poder-se-hia ficar chamando o José Fidelis.



E não se julgue que este segundo juramento do sr. D. Carlos lhe deu menos que fazer de que o primeiro: pelo contrario.

O JURAMENTO GOTHICO-CONSTITUCIONAL



MICHAEL BORRALHO

A fim de commemorar condignamente o juramento prestado por sua alleza o principe regente e que é tudo quanto de mais gothico tem apparecido n'este mundo, lembramos o vitre de reproduzir a scena em vitraes, para ornamentação d'um portico, e pregar com elle no edificio dos Jeronymos.

Para aquelle bastou a sua alteza envergar a farpella de ver a Deus, perfumar o lenço em essencia de flor de lorangeira para ficar com um cheirinho symbolico e marchar para a igreja de S. Domingos.

Mas agora ficou mais fino. A primeira dificuldade que se levantou a sua alteza mal sua alteza se levantou foi a escolha da *toilette* correspondente ao genero da solemnidade a que tinha de assistir.

Escancaradas as portas do seu magnificente guarda-fato, o sr. D. Carlos ficou logo assaralhado com a enorme variedade de *toilettes* que se amontoavam penduradas pelos diferentes cabides.

Aqui a sua farda de capitão de mar e guerra; ali o seu dolman de tenente coronel do exercito; acolá a sua casaca dos bailes em Cintra; mais além o seu fato de flanela da batalha das flores; ao meio a sua farpella democratica das toiradas; ao fundo o seu manto aristocratico de principe regente!

—Diabo! murmurou sua alteza; com qual d'estas fatiotas deverei eu apresentar-me na solemnidade do juramento?...



De repente lembrou-se do sr. José Luciano. Elle, na sua qualidade de presidente do conselho, é que devia saber d'isso. Chamou o camarista de serviço.

—O' Fulado: você vae immediatamente fallar ao telephone...

—Com todo o gosto, real senhor, com todo o gosto, interrompeu o camarista, esfregando as mãos de contentamento e lambendo os beiços de satisfação; e com quem vou ter a honra e o prazer de fallar ao telephone?...

—Com o José Luciano...

O camarista fez-se vermelho como o guarda-portão da Loja do Povo e titubiou em voz summada:

—Mas... real senhor... isso é impossivel... Vossa alteza não quererá de certo fazer passar por semelhante *prova* a minha incontestada dedicação...

—Ora essa! mas então o que tem isso? o que lhe custa fallar um bocadinho ao telephone com o presidente do conselho?! Porventura não gostará você do José Luciano?...

—Gosto, meu senhor! gosto até muito, como politico, como caracter, como homem de estado, mas lá o sacrificio de fallar com elle ao telephone isso é superior ás minhas forças...

—Não comprehendendo porque demonio seja essa repugnancia de se entender com o José Luciano por intermedio de *The «cover-bell» loud speaking telephone, manufactured by the consolidated telephone construction and maintenance co. limited general offices n.º 6 Lombard street, factory telephone buildings Farringdon Road London!*

—Ah! isso sim! voltou o camarista, cahindo em si d'um deploravel equivooco; e, instruido do caso, correu immediatamente ao telephone, tocando para o ministerio do reino.



Foi o proprio sr. José Luciano que accudiu ao *ter-lin-tin-tin-tin*.

Esta lá? perguntou o camarista.

—Alerta está! respondeu o sr. José Luciano, sempre sentinella vigilante.

—Sua alteza o principe regente em nome do rei deseja saber qual é a fatiota com que lhe cumpre assistir ao juramento em camaras.

—Ah! trata-se d'uma questão official? então vou responder officialmente, voltou o sr. José Luciano, que é burocrata até á raiz dos ossos. E poz-se a dizer pelo telephone:

—Illustrissimo e excellentissimo senhor: em resposta á pergunta que me faz no seu officio, digo, no seu telephone numero... (qual é o numero do seu telephone?)

—Seis mil quinhentos e vinte e tres, respondeu o outro, depois de verificar o numero.

—... no seu telephone numero 6523, cumpre-me levar ao co...

N'isto, uma das pulgas centenarias do ministerio do reino e que já tivera a honra de morder as cancellas ao Rodrigo da Fonseca Magalhães, mordeu no artelho do sr. José Luciano, obrigando-o a interromper o cavaco enquanto desapertava a fita da cercoila.

O empregado dos telephones, que ouvira o ultimo vocabulo, preveniu muito indignado:

—O regulamento da companhia não permite a transmissao de palayras obscenas!

Mas o sr. José Luciano não ouviu a prevenção e continuou para o camarista:

—... cumpre-me levar ao conhecimento de v. ex.ª, para os devidos effeitos, que a *toilette* de sua alteza real na cerimonia do juramento deve ser...



N'este ponto as linhas do telephone tocaram-se com as de um outro, onde um chefe de familia pedia para o Ferrari um kilo de bolacha muito sortida.

O camarista, que escutava a palestra-officio do sr. José Luciano, ouviu pois esta phrase: «a *toilette* de sua alteza real na cerimonia do juramento deve ser *muito sortida*».

E logo seguidamente, tendo-se desligado os fios dos telephones, continuou a ouvir a voz do sr. José Luciano, qua concluia, fechando a sua informação official:

—...Deus guarde a v. ex.ª Lisboa e gabinete do ministro do reino, em 3 de setembro de 1888.—O presidente do conselho José Luciano de Castro, *tre-lin-tin-tin-tin-tin*.

E desligou-se o telephone.

O camarista foi correndo prevenir o sr. D. Carlos de que a *toilette* devia ser muito sortida.

N'estes termos sua alteza vestiu as suas calças de capitão de mar e guerra, enverçou o seu dolman de tenente coronel do exercito, calçou as suas luvas brancas e os seus sapatos de pelica dos bailes de Cintra, poz o seu chapéu de palha e a sua gravata Lavalliere da batalha das flores, apertou a sua cinta e ajustou as suas esporas de salto de prateleira das toiradas, embulhou-se no seu manto forrado de arminhos e empunhou o seu sceptro de principe regente e assim veio para as côrtes prestar a segunda dose do seu juramento de fidelidade, em face dos arautos, passavantes, reis d'armas, mordomo-mór, porteiro da cana, condestavel, pagens, e quantas mais entidades ali se juntaram, mostrando-se ao publico gratuitamente—com grande prejuizo do Francisco Palha, que costuma mostrar isso mesmo a seis tostões por cabeça no theatro da Trindade...

João Francisco

MODAS NOVISSIMAS



Chapeu harmonium



Vestido de papo.



Capota á pato.



Toilete de almoço.



Toilete elefantiaca.

O MESMO PEZO



Machado de Assis

Se não se cria a padaria municipal, o padreiro aumenta o preço do pão, que o povo paga: se se cria a padaria municipal desce o preço do pão das padarias, mas como o estado é quem sustenta a padaria e o povo é quem paga para o estado, ahí lhe fica pensando da direita o que lhe alliviará de esquerda...